

de Carvalho – vol. I  
As Palavras Pougadas  
Rodrigues Alves Fraga, 2018

Carvalho

de Maria Judite de Carvalho  
Rodrigues Alves Fraga  
& Bytes

441592/18

**Catálogo na Publicação**

de 1921-1998

Carvalho. – (Obras completas  
Carvalho; 1)  
966-21-9

3-34\*19"

Gráficas

amento:

de

o

2019

de língua portuguesa.

Edições Almedina, S.A.  
3.ª C – 1900-221 Lisboa/Portugal

Não pode ser reproduzida,  
de seja o modo utilizado,  
prévia autorização do Editor.  
mentos de Autor será passível  
judicial.

OBRAS COMPLETAS

# MARIA JUDITE DE CARVALHO

I

**Tanta Gente, Mariana**  
**As Palavras Pougadas**  
Prémio Camilo Castelo Branco



MINOTAURO

Título:  
*Obras Completas de Maria Judite de Carvalho – vol. I*  
*Tanta Gente, Mariana – As Palavras Pougadas*  
© Maria Isabel Tavares Rodrigues Alves Fraga, 2018

Autora:  
Maria Judite de Carvalho

Capa: FBA  
Na capa: reprodução de quadro da autoria de Maria Judite de Carvalho  
Imagem de capa © Maria Isabel Tavares Rodrigues Alves Fraga  
Fotografia de Sounds & Bytes

Depósito Legal n.º 441592/18

***Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação***

CARVALHO, Maria Judite de, 1921-1998

Obras completas de Maria Judite de Carvalho. – (Obras completas  
de Maria Judite de Carvalho; 1)  
ISBN 978-989-8866-21-9

CDU 821.134.3-34"19"

Paginação:  
João Félix – Artes Gráficas

Impressão e acabamento:  
Papelmunde

para  
Minotauro  
em  
fevereiro de 2019

Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa.

MINOTAURO, uma chancela de Edições Almedina, S.A.  
Avenida Engenheiro Arantes e Oliveira, 11 – 3.º C – 1900-221 Lisboa/Portugal

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,  
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,  
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.  
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível  
de procedimento judicial.

## UMA VARANDA COM FLORES

A velhinha curvou-se ao de leve, para o lado direito, e passou a mão escura, trémula e rugosa, de unhas estriadas, pelo dorso peludo do gato. Houve um breve ronrom de gozo ou, quem sabe, de simples gratidão aborrecida e ela sorriu ao de leve. Era uma criatura que decerto a idade tornara lenta e também indiferente, era possível, ao mundo que a rodeava, à exceção talvez de algumas coisas, muito poucas e quase desprezíveis para os outros mas importantes, ainda importantes apesar de tudo, para ela: o gato, o calor do sol ou da botija de água quente, a chávena de chá à tarde, a renda que às vezes fazia, as flores da varanda... Tudo na sua pessoa parecia impregnado de um grande vagar ou possivelmente de uma total ausência de entusiasmo ou mesmo de vontade. Tinha tempo, tinha sempre tempo, nada era urgente. Os seus próprios lábios, já sem cor, a confundirem-se com o rosto engelhado, engelhados também, antes de começarem a sorrir tinham levado tempo a pensar o sorriso, a esboçá-lo, a desenhá-lo por fim. E dir-se-ia que tudo isso acontecera sem ela saber, sem dar por nada. Depois, fora igualmente devagar que ele lhe desaparecera a pouco e pouco do rosto. O tempo era enorme e não fugia. O tempo nunca foge senão no medo das pessoas. E a velhinha não receava coisa alguma. Que havia de recear? A morte? Mas as marés haviam roído todas as cordas. Já nenhuma a prendia. Por isso havia tantos anos que vogava dentro daquele terceiro andar de um

prédio em ruínas onde vivia com uma criada quase tão velha como ela e com um gato. E cada dia acordava mais perto. De quê? Não o sabia.

Estava sentada numa poltrona de pés finos, torneados, a acabarem em bola. No chão a *carpette* desbotada e gasta de tantos passos, com mais serapilheira do que lã. Uma coluna, um vaso de begónia com *cache-pot* de faiança, rachado, amarelecido, e a um canto um velho piano com um retrato em cima, o dela aos vinte anos, peito farto a enfunar a blusa branca de gola oficial, cabelo loiro a emoldurar-lhe o rosto gorducho e contente. Um raio de sol vinha da varanda, atravessava as cortinas de rede que ela fizera e onde dois cupidos brincavam, estendia-se, quadriculado, pelo chão (viam-se aqui e além as manchas de sombra do bordado) e vinha acabar sobre a almofada de cetim onde o gato adormecera de novo – teria mesmo chegado a acordar? – ao lado da botija e dos pés da dona, enormes do reumatismo. Uma grande mosca azulada bateu para além das cortinas no muro invisível mas tão luminoso, agitou-se, escorregou pela vidraça num desvairamento de asas metálicas, e o gato arrebitou, interessado, as pequenas orelhas cinzentas. A velhinha disse numa voz suave, vagarosa, um pouco trémula:

«Então, Menino Gato, então... Não vale a pena. É uma mosca... uma simples mosca... Quietinho, quietinho...»

Mas o ruído cessou. O inseto, depois de esvoaçar rente ao chão, poisara decerto em qualquer móvel ou no papel de flores escuras que forrava as paredes. E tudo ficou outra vez mergulhado em silêncio.

A mulher de luto e olhos inchados que estava sentada na borda da cadeira, bem na borda como se se preparasse, ela também, para levantar voo, sentiu-se esquecida, tossiu ao de leve porque tinha a certeza de que se rompesse o silêncio e começasse a falar sem aviso prévio ela teria um sobressalto. Por isso tossiu. Uma tosse curta, seca, muito falsa. A velhinha levantou a cabeça, disse devagar piscando os olhos:

«Ainda aqui está... Tinha-me esquecido, como é possível? Tinha-me esquecido por completo. A minha pobre cabeça... Julguei... desculpe; sim? Uma destas!»

A visita abriu a mala para tirar um lenço que levou aos olhos num gesto rápido. Que não pensasse mais nisso, que não se preocupasse. Era natural, afinal de contas. A ela própria, e era mais nova, já lhe tinha acontecido...

«Mas faça um esforço e tente lembrar-se. É tão importante para mim, é, como direi, tão... vital!»

Tinha começado a falar com suavidade, arrastando a voz, no ar um pouco lamecha de uma criança que pede um bolo, mas agora a voz entesara-se e havia-se tornado áspera como se exigisse uma coisa devida, uma coisa que era sua e ali viera buscar. A velhinha disse, porém, sem se formalizar, como se as entonações da visita lhe fossem completamente indiferentes, como se nem desse por elas:

«Não me lembro. Na minha idade é difícil, sabe? Vou fazer para o mês que vem oitenta e cinco anos... Ou oitenta e seis? Nunca tive boa memória, nem mesmo em nova, quanto mais agora... e no entanto...»

«No entanto?»

Quase se levantara da cadeira. A velha ia lembrar-se, o véu rasgava-se e a luz ia aparecer. A luz? Não haveria mais luz para ela. Nunca mais. O crepúsculo ou a noite negra era tudo o que podia esperar. Mas a velhinha estacara à beira de um abismo cheio de devens, não podia ir mais além.

«Sim, no entanto, há qualquer coisa», disse por fim. «Qualquer coisa que talvez seja importante para a senhora e que naquela altura me impressionou. Simplesmente não sei, já não sei. Se tivesse vindo logo, eu lembrava-me com certeza. Agora, já lá vão quinze dias... algo que é uma coisa perdida. Tenho oitenta e cinco anos, sabe?»

«Não, não pode ser. Eu vim logo que pude, tenho estado doente. Perdi...»

Não podia ser, era impossível. Aquela mulher tinha visto tudo, ela própria lhe dissera havia pouco, quando a vira entrar. «É a senhora do prédio em frente, não é? A mãe daquela pobre menina? Eu vi tudo, estava à janela...» Vira tudo. Fora ela mesmo a única espectadora do desastre. Do desastre? A rua era estreita, os dois prédios ficavam mesmo em frente, ambas viviam no terceiro andar. Simplesmente o seu era num prédio novo, com elevador, e aquele numa velha ruína parcialmente desabitada, com escritos nas janelas de vidros partidos e só à espera de que a velhinha morresse para ser demolida. A mãe do atual senhorio fora amiga dela e tinha-lhe prometido que enquanto fosse viva não a fariam sair dali. Todos sabiam, toda a vizinhança estava a par. Ninguém mais vira a criança senão ela, que àquela hora estava na varanda a regar as flores. Os outros tinham-se limitado a olhar a boneca desarticulada que estava caída na rua. «Uma coisa perdida», repetiu a velhinha calmamente. «Perdida lá muito para trás, ao fim de um caminho todo branco onde não me lembro de ter passado.»

«Mas tem de se lembrar. Não terá contado à sua criada?»

A velhinha acenou negativamente e a mulher reparou nos seus cabelos brancos, já ralos, muito bem penteados sobre o crânio rosado. Oh não, não lhe tinha contado nada. Era tão surda, mas tão surda a pobre criatura – «e é mais nova do que eu, olhe que tem só setenta anos!» – que lhe fazia todas as recomendações por escrito. Não podia gritar, nunca fora capaz. Agora então...

«Tem portanto a certeza...»

«Ah isso, absoluta. Nem a ela nem a ninguém. Há quase um mês que não tenho visitas. Está frio, não é? As minhas amigas – as poucas que me restam – já não são muito novas...»

A mulher aproximou a cadeira da poltrona onde a velhinha ficara outra vez esquecida, a sorrir.

«Senhora D. ... desculpe-me, como é o seu nome?»

«Chamo-me Cristina. Cristina Rita, para a servir.»

Não podia ser, era impossível. Aquela mulher tinha visto tudo, ela própria lhe dissera havia pouco, quando a vira entrar. «É a senhora do prédio em frente, não é? A mãe daquela pobre menina? Eu vi tudo, estava à janela...» Vira tudo. Fora ela mesmo a única espectadora do desastre. Do desastre? A rua era estreita, os dois prédios ficavam mesmo em frente, ambas viviam no terceiro andar. Simplesmente o seu era num prédio novo, com elevador, e aquele numa velha ruína parcialmente desabitada, com escritos nas janelas de vidros partidos e só à espera de que a velhinha morresse para ser demolida. A mãe do atual senhorio fora amiga dela e tinha-lhe prometido que enquanto fosse viva não a fariam sair dali. Todos sabiam, toda a vizinhança estava a par. Ninguém mais vira a criança senão ela, que àquela hora estava na varanda a regar as flores. Os outros tinham-se limitado a olhar a boneca desarticulada que estava caída na rua. «Uma coisa perdida», repetiu a velhinha calmamente. «Perdida lá muito para trás, ao fim de um caminho todo branco onde não me lembro de ter passado.»

«Mas tem de se lembrar. Não terá contado à sua criada?»

A velhinha acenou negativamente e a mulher reparou nos seus cabelos brancos, já ralos, muito bem penteados sobre o crânio rosado. Oh não, não lhe tinha contado nada. Era tão surda, mas tão surda a pobre criatura – «e é mais nova do que eu, olhe que tem só setenta anos!» – que lhe fazia todas as recomendações por escrito. Não podia gritar, nunca fora capaz. Agora então...

«Tem portanto a certeza...»

«Ah isso, absoluta. Nem a ela nem a ninguém. Há quase um mês que não tenho visitas. Está frio, não é? As minhas amigas – as poucas que me restam – já não são muito novas...»

A mulher aproximou a cadeira da poltrona onde a velhinha ficara outra vez esquecida, a sorrir.

«Senhora D. ... desculpe-me, como é o seu nome?»

«Chamo-me Cristina. Cristina Rita, para a servir.»

Aquela mulher tinha visto tudo. Quando a vira entrar. «É a senhora aquela pobre menina? Eu vi tudo. A mesma a única espectadora do teatro, os dois prédios ficavam no terceiro andar. Simplesmente o odor, e aquele numa velha ruína dos os nas janelas de vidros partida morresse para ser demolida. Ela e tinha-lhe prometido que cair dali. Todos sabiam, toda a casa vira a criança senão ela, que ar as flores. Os outros tinham culada que estava caída na rua. Ela tinha calmamente. «Perdida lá tinha todo branco onde não me

rá contado à sua criada?»  
 ente e a mulher reparou nos  
 bem penteados sobre o crânio  
 lo nada. Era tão surda, mas tão  
 ova do que eu, olhe que tem só  
 as recomendações por escrito  
 agora então...

nem a ninguém. Há quase u  
 não é? As minhas amigas –  
 muito novas...»  
 da poltrona onde a velhinha

mo é o seu nome?»  
 ita, para a servir.»

«Senhora D. Cristina, eu vou contar-lhe tudo e Deus sabe, Deus sabe o que me custa.»

«Mas eu não tenho interesse, minha senhora, nenhum interesse. Vivo na minha casa, pouca gente conheço. As senhoras amigas que me vêm ver, para me entreter, dizem elas, para me fazer companhia, só conseguem fatigar-me. Aos oitenta e cinco anos... Se pudesse, dizia-lhe tudo o que a senhora quer, acredite. Simplesmente não posso. Por mais que queira tirar as recordações de dentro do poço, elas não vêm à superfície. Estão afogadas, bem no fundo. Para que me há de contar coisas difíceis? Que lucra com isso? A pobre criança morreu, nada mais interessa.»

A mulher endireitou-se na cadeira, suspirou.

«Viu a minha filha cair... não é verdade? Estava a olhar para ela, não estava? Viu-a... atirar-se?»

E deitou a chorar.

«Então, então...» A voz da velhinha era doce e persuasiva. «É preciso serenidade. Que pode fazer agora? Era um anjo, está no Céu.»

«Era. Deve estar. Se há Céu deve lá estar.» Eram palavras secas, de raiva. «Se não fosse um anjo ainda estaria viva a esta hora.»

«Mas quem lhe diz que não foi um acidente, que ela não se debruçou, não caiu? Eu não sei, não me lembro, mas pode ter sido.»

«E quem me diz que não foi a outra coisa, a que eu receio? Não a eduquei como devia, deixei-a ser anjo e nesta vida não dá resultado. Não foi feita para anjos, a vida. A atmosfera é malsã, é preciso termos cá dentro uma boa dose de micróbios para lutarem com os de fora. A Gininha era sem defesas. E eu fui horrivelmente imprudente.»

«Tenha coragem. Agora é tarde, não é?»

«Será? Tem razão, claro, é tarde.»

Esteve calada, pensativa, um grande momento. Depois voltou a falar, agora muito depressa.



«Só a tinha a ela, juro que só a tinha a ela, era para ela que eu vivia, que eu trabalhava. Sou viúva há quatro anos. E tenho trinta e cinco. Naquela tarde foi lá a casa uma pessoa amiga, um homem. Julguei que a Gininha tinha saído, nem me ocorreu que era feriado, que já pela manhã não tinha tido aulas. A certa altura, ouvimos um estalo surdo, como se uma enorme mão tivesse batido numa mesa a pedir silêncio. Depois houve um grito, muitos gritos ao mesmo tempo. Fui então à janela e vi-a. *Vi-a, compreende?*»

Tapou o rosto com as mãos, ficou um momento sem poder falar. A velhinha disse:

«Deve ter sido terrível para si.»

«Foi terrível. Era a minha filha única e tinha onze anos. Ele não significava nada ou muito pouco. Nunca mais o quis ver, nunca mais o quero ver. Tinha onze anos, minha senhora. Não sabia nada da vida, nada. E eu orgulhava-me disso, veja lá...»

A velhinha franziu as sobrancelhas brancas.

«Houve qualquer pormenor, eu sei que houve. Mas o quê?»

«Uma expressão de horror, talvez? Lágrimas? Estaria pálida como uma defunta? Ela ficava assim quando tinha um choque violento. Era uma criança nervosa, tão sensível! Viu-a talvez saltar para a rua ou debruçar-se lentamente... Não teria ela avistado qualquer coisa que a interessasse, esses saltimbancos que às vezes aí passam e fazem habilidades em cima de um tapete?», perguntou com súbita ansiedade. «Naquele momento, não reparei em mais nada... Só a vi a si, creio que a vi antes de olhar lá para baixo. Ainda tinha o regador na mão. Pense, veja se consegue lembrar-se...»

«Era um pouco como se fosse minha neta, sabe? Uma neta que eu só conhecesse de vista. Sorria-me sempre e eu sorria-lhe também...»

A mulher estava de pé, estendia-lhe a mão fria. Que se deixasse estar, ela sabia onde era a porta.

«Mas prometa-me que toma nota se se lembrar de qualquer coisa, sim? E se me dá licença, se não incomodo muito, eu volto amanhã.»

«Volte sempre que quiser, minha senhora. Eu nunca saio. Mas creio que é uma coisa perdida.»

A porta da rua bateu ao de leve e a velhinha teve um estremecimento. A mosca azul voltou a zumbir, a bater na vidraça, depois a escorrer por ela abaixo. O gato espreguiçou-se, olhou para o inseto com displicência, tornou a fechar os olhos amarelos. A velhinha fechou também os seus, a cabeça pendeu-lhe para o peito e ficou a dormir.

a ela, era para ela que eu  
quatro anos. E tenho trinta e  
essa amiga, um homem.  
e ocorreu que era feriado,  
certa altura, ouvimos um  
tivesse batido numa mesa  
muitos gritos ao mesmo  
«Compreende?»  
momento sem poder falar.

ca e tinha onze anos. Ele  
unca mais o quis ver, nunca  
a senhora. Não sabia nada  
veja lá...»  
ranças.

«E houve. Mas o quê?»  
Lágrimas? Estaria pálida  
quando tinha um choque  
insúperável! Viu-a talvez sal-  
te... Não teria ela avis-  
esses saltimbancos que  
em cima de um tapete?»,  
«E naquele momento, não reparei  
vi antes de olhar lá para  
Pense, veja se consegue

na neta, sabe? Uma neta  
e sempre e eu sorria-lhe

mão fria. Que se deixasse

«Mas prometa-me que toma nota se se lembrar de qualquer  
coisa, sim? E se me dá licença, se não incomodo muito, eu volto  
amanhã.»

«Volte sempre que quiser, minha senhora. Eu nunca saio. Mas  
creio que é uma coisa perdida.»

A porta da rua bateu ao de leve e a velhinha teve um estreme-  
cimento. A mosca azul voltou a zumbir, a bater na vidraça, depois a  
escorrer por ela abaixo. O gato espreguiçou-se, olhou para o inseto  
com displicência, tornou a fechar os olhos amarelos. A velhinha  
fechou também os seus, a cabeça pendeu-lhe para o peito e ficou  
a dormir.